

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO BIBLIOTECONOMIA

LEILANE MARIA LUCENA PEREIRA

**A TELEVISÃO E A SUA INFLUÊNCIA NO GOSTO PELA
LEITURA,**

FORTALEZA

2005

LEILANE MARIA LUCENA PEREIRA

A TELEVISÃO E A SUA INFLUÊNCIA NO GOSTO PELA LEITURA.

Monografia apresentada para a conclusão do curso de Biblioteconomia, sob a orientação da Professora e Doutora Ana Maria Sá de Carvalho.

FORTALEZA

2005

A TELEVISÃO E A SUA INFLUÊNCIA NO GOSTO PELA LEITURA

Monografia apresentada

Por

LEILANE MARIA LUCENA PEREIRA

Aprovado em _____

BANCA EXAMINADORA

Profa e.Dra. Ana Maria Sá de Carvalho

Profa e Dra. Lídia Eugênia Cavalcante

Profa e Ms. Maria de Fátima Silva Fontenele

Ao meu pai Francisco Pereira Filho, por seu amor incondicional, compreensão e palavras de incentivo.

A Deus pelo dom da vida e por ter me dado garra e determinação, não permitido que eu desistisse nos momentos de dificuldade.

Aos meus pais pelas palavras de incentivo e por sempre acreditarem que o estudo é a melhor maneira de conseguir ser alguém na vida.

A amiga e Bibliotecária Paula Ventura que me ajudou a descobrir o tema desta monografia.

Aos amigos do Curso, em especial à Eva, Leolgh e Josilene, pela amizade e companheirismo.

A amiga e Bibliotecária do Sesc, Ana Paula Barros, assim como aos demais amigos que formam a Biblioteca Rachel de Queiroz

A todos os entrevistados, pela disponibilidade de tempo em responder aos meus questionamentos.

Finalmente, à Professora e Orientadora Ana Maria Sá de Carvalho, pelas dicas e por se mostrar disponível a esclarecer minhas dúvidas no andamento do trabalho.

RESUMO

Apresenta um estudo sobre a televisão e a sua influencia no gosto pela leitura através das adaptações literárias, apontando aspectos concernentes a esse veículo de comunicação, como também dá um embasamento a respeito do sentido e significado da leitura por parte dos leitores, passando por elementos ligados à Estética da Recepção. Define o processo de adaptação literária para o meio televisivo, mostrando aspectos da obra os Maias. E encerra-se com a análise de dados referente a pesquisa realizada na Biblioteca do Serviço Social do Comércio.

Palavras-chave: Televisão – Leitura – Adaptações Literárias

ABSTRACT

To present a study about the television and his influence in the liking for reading through from the literary adaptation, to pioning aspects reference about this communication vehicle, with too show a reflection about the purpose and meaning of the reading for part in the reader, to passing for elements joined the aesthetic on the reception. To define the process from literary adaptation to the manner televisive, to showing aspects from the work literary "The Maias". The monography to close with tie of analysis reference the research to carried in the library of the Sesc-Ceará.

Key-Word: Television, Reading, Literary adaptation.

“Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior de mundo, de tal maneira que “ler mundo” e “ler palavra” constituem-se num movimento em que não há ruptura, pois implicam em reescrever o mundo, ou seja, transformá-lo”.

Paulo Freire

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 SOBRE A TELEVISÃO.....	12
2.1 Televisão x Leitura.....	15
2.2 Televisão e Educação.....	18
3 LEITURA: SENTIDOS E SIGNIFICADOS.....	22
3.1 Leitura e recepção.....	26
4 AS ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS PARA A TELEVISÃO.....	30
4.1 Os Maias: Um exemplo de adaptação literária.....	33
5 O PERFIL DOS LEITORES DE ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS E A BIBLIOTECA.....	37
5.1 A televisão com veículo comunicativo propagador de adaptações literárias.....	38
5.2 A busca da leitura da obra original após a sua adaptação para a televisão.....	39
5.3 O telespectador-leitor e suas expectativas em relação à obra original.....	41
5.4 A leitura de obras adaptadas e o incentivo a outras leituras.....	42
5.5 As vantagens da leitura do livro frente à obra adaptada.....	43
5.6 A identificação do leitor e o sentido dado ao texto.....	44
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

A televisão é um veículo de comunicação bastante consolidado no país, seja no que se refere à conquista do público ou por que ela representa uma oportunidade de democratização e conhecimento da cultura, ampliando sentidos e apresentando aos telespectadores uma gama de programas que podem agir de forma representativa na aquisição de conhecimentos. Assim, o meio televisivo pode atuar como incentivador e influenciador do gosto pela leitura, ao propor aos seus telespectadores uma visão maior acerca do mundo e da cultura através da literatura, quando exhibe programas que têm como referência a adaptação de obras literárias.

Para investigar esses aspectos, desenvolveremos este estudo, tendo como base os seguintes fatores: Como a televisão pode influenciar no gosto pela leitura? Por que os telespectadores buscam a leitura da obra impressa ao assistirem a adaptação e que expectativas têm a respeito dela? Será que eles consideram a leitura mais proveitosa do que a obra adaptada para a Tv?

Esta pesquisa é baseada nos questionamentos levantados a respeito da influência da televisão no gosto pela leitura e pela curiosidade adquirida no período de estágio na Biblioteca Rachel de Queiroz do Serviço Social do Comércio (Sesc-Ceará) ao perceber o interesse dos usuários pela leitura de obras adaptadas para o meio televisivo. Deste modo, este estudo pretende refletir sobre os aspectos fundamentais da televisão, leitura e adaptações literárias como modo de influência ao gosto pela leitura.

Para tanto, a pesquisa apoiou-se no teórico Ciro Marcondes Filho que nos fez refletir sobre o conceito de televisão, analisando todas as suas peculiaridades, como o seu

modo de transmissão de idéias e comportamentos aos telespectadores, a respeito da captação do imaginário e ao fascínio que ela exerce.

Além de Marcondes Filho, outra colaboração teórica veio de Joan Ferres, no momento em que nos fez pensar a respeito da problemática televisão e educação, ao fazer um paralelo entre o meio audiovisual e o meio literário, como também a respeito dos fatores educacionais.

Também foram importantes Maria Helena Martins, Ezequiel Teodoro da Silva e Vincente Jouve, quando nos levaram a analisar o conceito de leitura e das inúmeras possibilidades de aprendizagem a que ela nos remete, como também ao processo de captação pelo receptor ao fazê-lo construir um sentido e dar significado a cada obra apreciada.

No capítulo 2, buscaremos compreender a televisão como um dos mais importantes meios de comunicação de massa, por permitir que se amplie o horizonte de discussão e diálogo entre seus telespectadores. Fizemos um paralelo entre a linguagem audiovisual e a linguagem verbal, como também analisamos a primeira dentro do contexto educacional.

No 3º capítulo, abordaremos a leitura, seus sentidos e significados, a forma em que os leitores atribuem significados às obras lidas e como elas atuam ao serem recepcionadas, adentrando no aspecto histórico e cultural do leitor e também fazendo uma análise acerca da leitura contextualizada na Estética da Recepção.

O capítulo 4, conceituará o processo de adaptação de obras literárias, analisando as suas características e dando um breve exemplo a respeito da obra literária dentro do contexto da linguagem audiovisual através da obra Os Maias.

Um estudo a respeito do Serviço Social do Comércio será realizado no capítulo 5 analisando a instituição que foi utilizada para a coleta de dados, enfatizando a atividade biblioteca e a importância que a instituição dedica à leitura.

No capítulo 6, demonstraremos os resultados das entrevistas realizadas junto aos usuários e bibliotecária da Biblioteca Rachel de Queiroz a respeito da leitura de obras adaptadas para o meio televisivo.

Finalmente, o trabalho será concluído ressaltando os resultados finais obtidos pela pesquisa através das entrevistas.

2 SOBRE A TELEVISÃO

A televisão foi criada em 1936, mas só começou a ser difundida a partir de 1945, nessa época, era o cinema quem dominava o público e o rádio era um meio de comunicação de ampla penetração nos lares. Embora bem mais jovem que o rádio, atende à necessidades dos telespectadores de forma bem mais ampla que os demais meios de comunicação. Mesmo hoje com o surgimento das novas tecnologias de informação e comunicação, como a internet, por exemplo, a televisão não deixou de ser um dos mais importantes e populares meios de comunicação de massa. Ela foi criada para introduzir diálogos e discussões, para participar da vida das pessoas, aproximando-a da realidade e do que idealizam, apresenta exemplos de vida, de ambientes, situações que funcionam como modelos, pois mostram novas realidades, mundos desconhecidos e inovadores para o público. A Tv amplia os horizontes de discussão e diálogo das pessoas inserindo na sua vivência novos dados. Nesse sentido, Marcondes Filho (1988, p.37), afirma que:

A televisão fascina por outros meios e de maneira bem mais perspicaz que as demais formas de comunicação: ela introduz uma linguagem que primeiro atrai o receptor, para depois ser incorporada por ele. Nessa medida, ela muda completamente – através de um fato técnico – os hábitos de recepção e de percepção da sociedade e da cultura.

Desde a sua criação, a televisão vem introduzindo novas idéias e comportamentos, buscando cada vez mais a captação do imaginário dos espectadores como espaço de exploração comercial e ideológica. Ela alterou profundamente as relações do homem com seu mundo, ditando regras, modismos e tentando aproximar ao máximo a ficção da realidade. Segundo Marcondes Filho (1988, p.37), “É óbvio que o aparelho de televisão

não é por si só fascinante, fascinante é o mundo do lado de lá que ele nos permite ver”. A partir dessa análise percebemos que realmente a televisão tem o poder de conduzir seus espectadores a mundos repletos de aventura e emoção, além de oferecer notícias, entretenimentos e publicidade, exerce um importante papel social, por prender o público à sua programação.

O que atrai na televisão e chama atenção nos apelos da cultura industrializada são os desejos que os espectadores têm e por diversos motivos não podem realizar. Ela cria essa ansiedade, é por isso que as mensagens da Tv atraem tanto o público que as recebe e que não têm consciência disso. Um dos objetivos básicos de quem produz os programas televisivos é fascinar e fixar o público, ou seja, captar suas fantasias, estimulá-las e desenvolvê-las. Os programas de Tv trabalham visando uma nova socialização, baseiam-se em fatos ligados ao cotidiano, levando a uma maior aproximação do que acontece na vida dos espectadores, para que haja uma identificação de quem assiste com a temática que está sendo abordada. A afirmação de Martins (1994, p.36) reforça dizendo que:

A televisão tem o poder de fazer as pessoas sentarem-se à sua frente para permanecer horas vidradas. Entre tantos feitos, ela se estrutura na espetacularização da vida, com um fluxo contínuo de imagens e sons que formam um conjunto especial de apelo ao telespectador, ao leitor da imagem.

O fascínio que a televisão exerce sobre as pessoas é proporcionado por ela atuar diretamente sobre as necessidades já existentes no ser humano, onde o sucesso de certos programas acontece por conhecê-las. É visível que a televisão introduz novos modelos, conceitos, imagens e tem o efeito de consolidar o imaginário do receptor e quando produz uma novela ou filme, tem-se como primeiro efeito o aprisionamento do espectador ao que é

oferecido e isso não tem nada a ver com as diferentes maneiras de cada um interpretar ou sentir o que está sendo mostrado. Corroborando com essa observação Rondelli (1997, p.155) afirma que:

Os discursos televisivos tomam como referência o real, para produzirem aproximação ficcional, onde talvez, só à televisão seja permitido tratar temas a partir de programas inspirados em vários gêneros de linguagem ou de construção narrativa, onde as fronteiras entre o real e o ficcional se dissipem.

É o imaginário do espectador que precisa ser diariamente renovado, o que estimula as pessoas está no real, no cotidiano e a televisão é desenvolvida para dinamizar isso. Ela é também a maior produtora de imagens que funciona como uma ponte de ligação entre o homem e o seu imaginário, existindo de acordo com a realidade. Tem o poder de levar seus espectadores a mundos repletos de aventura e emoção, além de oferecer notícias, entretenimentos e publicidade. Exerce um importante papel social, fazendo com que milhares de pessoas fiquem ligadas em sua programação. Ferres (1996, p.11) complementa ao afirmar que:

A televisão deve ser considerada como uma oportunidade para a democratização do conhecimento e da cultura, para a ampliação dos sentidos e potencialização da aprendizagem. Representa a cultura da oportunidade e da diversidade, a cultura da liberdade e das ações múltiplas.

A televisão, desse modo, funciona visando aproximar realidade e ficção, onde os programas produzidos visam ao máximo alcançar a realidade, como nas novelas por exemplo, que abordam temáticas ligadas a fatos atuais gerando discussões, polêmicas e

umentando o censo crítico do espectador e a sua capacidade perceptiva, ou seja, ela é capaz de causar mudanças e transformações sociais e construir novas realidades sejam individuais ou sociais. A televisão permite que se conheça culturas e problemas enfrentados por diversos povos, permite debates e discussões, pois é um veículo de comunicação que tem ampla penetração em todo o conjunto da população. Estimula a capacidade de percepção, gerando uma gratificação sensorial, satisfazendo necessidades psicológicas por incitar a fantasia e provocando processos de identificação, permitindo que o telespectador se sensibilize e se envolva emocionalmente com o que é transmitido.

2.1 Televisão X Leitura

A televisão e a leitura são consideradas opostas por ativarem nos espectadores e leitores emoções distintas e agirem como formas de entretenimento bastante poderosas. Mas ambas são atividades compatíveis, mas que atingem o público de maneiras diferentes por suscitarem processos mentais dos mais diversos, atingindo de várias formas os sujeitos envolvidos nesse processo comunicacional, podendo uma influenciar de forma diferente da outra. As imagens audiovisuais oferecem ao telespectador uma gratificação sensorial, visual e auditiva, onde o universo do mesmo é dinâmico. Já a leitura é um processo que visa o favorecimento da reflexão por parte do leitor e exige mais o uso da capacidade intelectual. Ferrés (1996, p.21), explica que:

A linguagem verbal é uma abstração da experiência, enquanto que a imagem é uma representação concreta dela. Se o livro favorece o conhecer, a imagem favorece o reconhecer. Se o texto oral é especialmente indicado para explicar, o audiovisual é para associar.

Ao ler um texto, o leitor enfrenta um mundo abstrato onde vai desenvolver através de suas vivências e conhecimentos prévios a sua própria história, a qual dará sentido. Na leitura, é o sujeito quem trata da experiência e o modo como são processadas as informações, é um ato que exige concentração e reflexão, pois lida com o pensamento e o imaginário. Guimarães (1995, p.08), diz que “A leitura por sua vez ultrapassa a mera decodificação porque é um processo de (re)atribuição de sentidos”. Já a televisão oferece ao espectador a realidade pronta, onde o mesmo só terá que fazer a decodificação da imagem que ocorre instantaneamente, sem mediações, por ativar a capacidade de pensamento visual, intuitivo e global, favorecendo o envolvimento com os símbolos, ou seja, ela só exige a contemplação e o esforço de compreensão para que os símbolos sejam interpretados, através da construção de sentido imediato. Castells (1999, p. 357), explica que:

Os telespectadores têm de preencher os espaços da imagem e por isso aumentam seu envolvimento emocional com o ato de assistir. Tal envolvimento não contradiz a hipótese do mínimo esforço, porque a Tv apela à mente associativa/lírica, não envolvendo o esforço psicológico da recuperação e análise da informação.

As narrativas audiovisuais atraem por visarem a aproximação com a realidade e proporcionarem uma atração que não exige interpretação, pois constrói ambientes e personagens com características definidas. Na leitura o processo é inverso, pois o leitor vai construir ambientes e situações de acordo com as visões do texto no momento em que interage com o autor, proporcionando prazer e satisfação na busca do sentido ao mesmo, por meio do prolongamento da satisfação do leitor no momento de suas descobertas. Postman apud Castells (1999, p.357) diz:

A palavra impressa tem a tendência mais forte para a elucidação: capacidade sofisticada de pensar de maneira conceitual, dedutiva e seqüencial; alta valorização da razão e ordem; aversão à contradição; grande capacidade de desligamento e objetividade; tolerância à resposta atrasada.

A palavra impressa prorroga a sensação de prazer e satisfação do leitor. Nesse sentido Ferres (1996, p.25) afirma que “O prazer do texto escrito provém do significado, não do significante, já as imagens, no entanto, oferecem uma gratificação imediata que deriva do próprio significante”. A satisfação imediata demandada pela televisão é motivada pela sedução, estimulação sensorial da realidade e fácil comunicabilidade, fundamenta-se na mobilização das emoções do telespectador, despertando sentimentos e envolvendo-o emocionalmente na história. Bourdieu (1997, p.19) justifica dizendo que “a televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena com imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade e o caráter dramático, trágico”.

As imagens audiovisuais buscam a apreensão da imaginação e da atenção do espectador, firmando-se em fatos cotidianos, aproximando a ficção da realidade para obterem a identificação do espectador, ativando sentimentos e emoções do mesmo, mas não o instigando à transformação da imagem, pois o papel da transmissão é limitado e depende da construção de significados. Castells (1999, p.361), completa:

Portanto, como representa o tecido simbólico de nossa vida, a mídia tende a afetar o consciente e o comportamento como a experiência real afeta os sonhos, fornecendo matéria-prima para o funcionamento de nosso cérebro. É como se o mundo dos sonhos visuais (informação/entretenimento oferecidos pela televisão) devolvesse ao nosso consciente o poder de selecionar, recombinar e interpretar as imagens e os sons gerados mediante nossas práticas coletivas ou preferências individuais.

Por outro lado, a leitura permite que o receptor usufrua de sua capacidade imaginativa, que vai ser construída dentro do universo em que vive, aceitando a participação do mesmo e tornando-o representativo dentro desse processo de troca. É o leitor quem vai construir na sua mente as imagens que deseja, dando ao texto uma outra interpretação que pode variar de acordo com as vivências de cada um. Marcondes Filho (1988, p. 47), apóia dizendo que “Ao ler um livro, nos surpreendemos com suas revelações, suas histórias, suas emoções: ele nos embala, vence nossas barreiras e nos abre pelos caminhos literários, para a fantasia”.

Verifica-se a partir do que foi exposto, que a leitura e a televisão ativam processos e sentimentos distintos, porém ambas possuem sua importância por a seu modo atingirem os sujeitos envolvidos nos diferentes processos comunicacionais em que se colocam. A leitura com a sua função imaginativa, perceptiva e significativa e a televisão com a percepção imediata e ativação de capacidades sensoriais. Dentro dessa perspectiva, refletiremos agora um outro aspecto da televisão relacionada à educação e problemas de leitura, mostrando-a não como uma causadora dos problemas vinculados à falta dela, mas como um aparelho ligado à socialização e à formação de sujeitos conscientes.

2.2 Televisão e Educação

Percebemos na atual sociedade que os meios de comunicação de massa, e a televisão em particular, têm uma postura que implica à reflexão e à criação de uma maior criticidade por parte do receptor das mensagens, porém ainda teme-se que as imagens venham a prejudicar de alguma forma, por prenderem a atenção dos espectadores e não permitir que eles busquem outras formas de entretenimento, como por exemplo, a leitura de um bom livro,

já que a sua programação visa a apreensão da atenção do telespectador. Ainda teme-se que a televisão e a internet estejam criando futuras gerações de não-leitores, fazendo diminuir o interesse pela leitura de livros e obstaculizando a capacidade de expressão tanto verbal como escrita. Mas, por outro lado, é importante reconhecer que os meios de comunicação são capazes de mudanças radicais, na formação de posturas ao diferenciar e influenciar nas tomadas de decisões dos espectadores. É importante reconhecer também que muitas mudanças positivas ocorridas na vida social, detiveram-se à grande influência da televisão, que torna o público mais atuante e crítico. Por isso, Ferrés (1996, p.60), afirma que:

A televisão é uma poderosa arma de conscientização e de sensibilização de um grande número de pessoas ao mesmo tempo. A experiência demonstra que os meios de comunicação de massa, em geral, e a televisão em particular, têm contribuído para sensibilizar cidadãos sobre uma série de problemas.

A televisão funciona muito mais como um elemento informador e formador de consciências, do que um elemento destruidor. As cenas que transmite oferecem uma gratificação imediata ao telespectador, dando-lhe uma satisfação instantânea através do envolvimento emocional, onde os programas são construídos com interesse de mobilizar os sentimentos ao aproximar ficção de realidade. E diferentemente do que se pensa ela não encontra-se na vida de seus espectadores como um elemento ameaçador, por que é um importante instrumento de penetração cultural, de socialização e de formação de consciências. Por isso, torna-se necessário enxergá-la com outros olhos, não atribuindo-lhe responsabilidades que não são suas, nem tornado-a culpada por todos os problemas relacionados à educação e principalmente à falta de leitura. Refletindo sobre o tema, Silva (1986, p.43) justifica ao dizer que:

As causas fundamentais da crise da leitura não estão vinculadas à presença e influência da televisão na sociedade brasileira, como parece explicar o senso comum. Essa crise advém, fundamentalmente da participação desigual das classes sociais no que tange ao acesso e fruição dos conhecimentos veiculados pela escrita e das formas arbitrárias e fetichizadas de se conceber e de se produzir a leitura.

O problema da não-leitura está vinculado a fatores muito mais amplos do que se imagina, é antes de tudo um problema ligado à educação; à falta de incentivos, principalmente do governo, falta de bibliotecas e de acervos atualizados, de profissionais adequados, como o bibliotecário; para o desenvolvimento de programas de incentivo e de políticas ligadas à popularização do livro, principalmente nos setores mais carentes da sociedade que precisam ser trabalhados, a fim de que grande parte dos problemas sociais enfrentados hoje sejam solucionados, criando não hábito de leitura, como acontece corriqueiramente, através da imposição da leitura pelo professor, mas sim o gosto que é caracterizado pelo prazer e que não torna a leitura algo mecânico.

Os programas produzidos pela televisão, atualmente visam a questão educacional e informacional do espectador, sendo possível ver propagandas veiculadas incentivando o gosto pela leitura. Não só as propagandas, como as novelas e seriados adaptados de obras literárias estimulam seus espectadores a procurarem as mesmas em livro impresso. Portanto, a televisão atua visando aproximar realidade e ficção, onde os programas produzidos buscam alcançar a realidade, através da abordagem de temáticas ligadas a fatos atuais gerando discussões, polêmicas e aumentando o senso crítico do espectador e sua capacidade perceptiva, ou seja, ela é capaz de causar mudanças e transformações sociais e construir novas realidades, sejam individuais ou sociais. A televisão permite que seja possível conhecer culturas e problemas enfrentados por diversos povos, permitindo debates e

discussões, pois é o veículo de comunicação que tem ampla penetração em toda a população. Estimula a capacidade de percepção, satisfazendo necessidades psicológicas e a fantasia e provocando processos de identificação, permitindo ao telespectador a mobilização de sentimentos e o envolvimento emocional na história.

3 LEITURA: SENTIDO E SIGNIFICADO

Muito se pensou e ainda pensa-se que o livro poderá desaparecer devido aos avanços da atual revolução eletrônica, onde o aperfeiçoamento da imagem poderia vir a causar danos ao futuro da leitura, mas hoje verifica-se que imagem e escrita interagem e a leitura atualmente alia-se ao cinema, à Tv e ao vídeo na tentativa de captar e de explicar as mudanças ocorridas no mundo e na obtenção de conhecimentos. Desse modo percebemos que a linguagem audiovisual seja ela baseada na literatura ou não, tem contribuído de forma significativa no compartilhamento de diferentes visões de mundo e no incentivo à busca de novos conhecimentos por parte do espectador. Hoje, imagem e escrita agem na complementação de cenas e acontecimentos, pois ambas mostram a quem lê e a quem vê as diferentes leituras que podem ser feitas e o sentido que se atribui a cada uma delas. Essa possibilidade de diálogo deve ser vista de forma positiva ao favorecer diferentes tipos de interpretação a respeito do que está sendo lido ou mostrado.

As adaptações da literatura para a televisão e o cinema têm contribuído em muito na formação e aquisição do gosto pela leitura, pois esses meios assumem papel fundamental na difusão cultural. Porém, por melhores que sejam as narrativas audiovisuais, elas não substituem a importância do prazer proporcionado pela leitura, por que a Tv é responsável apenas por ampliar a imaginação do leitor. Martins (1994, p. 43), complementa o sentido da leitura:

A leitura é definida como um processo de compreensão abrangente cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, econômicos e políticos. Se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido, seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é desenvolvido de acordo

com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento das vivências do leitor.

É através da leitura que se pode imaginar uma história própria, o autor apenas remete ao leitor o que julga necessário e ele cria sua própria história. Diferentemente da televisão que traz pronto restringindo a capacidade imaginativa do espectador. Outro ponto pertinente ao fator da leitura está na construção de sentidos que a leitura proporciona, onde ao dialogar com o texto, o leitor tende a atribuir sentido ao mesmo através da interação entre as visões do autor e as suas próprias ao entrar em contato com o texto. Nesse contexto estão inclusos fatores sócio-culturais, sendo a leitura considerada uma atividade imprescindível à vida social por sua capacidade integradora, que insere a possibilidade de diálogo entre o leitor e o texto. Segundo Rocco (2005, p.37):

Leitor e leitura atuam na construção de um processo social, pois os sentidos atribuídos a um texto e dele também absorvidos entram em consonância com a história de vida de cada um e ainda, em consonância com o imaginário pessoal e coletivo dos indivíduos.

Leitor e leitura não existem isoladamente, pois leitura é parte de um grupo social e levará ao leitor seus elementos. Convida à produção de sentidos adquiridos no contexto entre o autor e o leitor por meio do texto, os quais expressam-se de forma diferente de acordo com os conhecimentos, experiências e valores do leitor, desempenhando papel ativo e relevante para a atividade de leitura. Silva apud Ferreira (2004, p. 439) afirma que “o indivíduo sente-se inserido à medida que desvela e vivência significados atribuídos ao mundo por ele mesmo e pelos outros”.

Entende-se que o sentido dado ao texto e dele retirado vai atuar com a história de vida de cada um, com o imaginário coletivo e pessoal agindo na construção de novas idéias. Ele aparece quando passa a influenciar na existência do sujeito através da compreensão. A leitura é uma confirmação daquilo que o leitor acredita, sabe e espera, age como uma confirmação e identificação do mesmo com o texto lido, onde tem a capacidade de se reconhecer. Jouve (2002, p. 131) diz que “O interesse do texto lido não vem mais então daquilo que reconhecemos de nós mesmos nele, mas daquilo que aprendemos de nós mesmos nele”.

Um outro aspecto que merece ser evidenciado dentro desse contexto dos sentidos¹ e significados² da leitura é quando o leitor através de sua interpretação pessoal, advindos de sua cognição pratica voluntária ou involuntariamente a leitura do mundo, como reforça Freire (1978, p.24) :

Toda leitura da palavra pressupõe uma leitura anterior de mundo e toda leitura da palavra implica a volta sobre a leitura de mundo, de tal maneira que, “ler mundo” e “ler palavra” se constituem num movimento em que não há ruptura, em que você vai e volta. E “ler mundo” e “ler palavra”, no fundo, implicam reescrever o mundo, ou seja, transformá-lo.

Desse modo, vemos que sentido e significado tornam-se múltiplos, pois cada sujeito terá sua apreciação sobre o que vê ou lê, atribuindo aos signos, lugares ou leituras várias interpretações, pois o ser humano possui a capacidade de atribuir sentido a tudo que ouve ou lê e o significado está embutido no que é demonstrado através do texto oral ou escrito. A leitura oferece possibilidade de ser reconstruída a partir do universo de sentidos do

¹ Sentido percebido como pertencente ao indivíduo, mas analisado dentro do processo de interação.

² Significado compreendido como algo culturalmente compartilhado.

receptor que lhe oferece coerência através das significações. Nesse momento o leitor amplia a sua capacidade de compreender e ser compreendido através da interação. Ferreira (2004,p.439), evidencia isso quando afirma que:

Na leitura, entendida como um encontro à distância entre leitor e autor via texto, ambos constituem-se e são constituídos através desse encontro e confronto de significados gerados em interação de cada qual com seu mundo. Na interação com o autor, via texto, o leitor, ao compreendê-lo, vai modificando, ajustando e ampliando suas concepções, as quais exercem um impacto sobre a sua percepção.

O leitor transforma o texto no momento em que aplica nele as suas visões de mundo e ao mesmo tempo transforma-se ao incluir na sua realidade as visões do texto, a qual é alterada por assumir uma nova perspectiva ampliando a sua compreensão. A leitura pode orientar e alterar práticas e comportamentos sociais no momento em que o leitor atribui sentido ao texto, modificado por meio das várias leituras existentes no mesmo posteriormente. Chartier (2001, p.36) colocasse dizendo:

A liberdade de criação e apropriação do leitor na relação com o texto é encerrada nas condições de possibilidades sócio-históricas variáveis e desiguais, mas ao mesmo tempo demonstra um movimento de superação do que está posto, criando um intercruzamento paradoxal entre transgressões e restrições.

Assim, a leitura é constituída a partir dos significados dados ao texto pelo autor na interação com as suas significações do mundo e reconstituída pelo leitor que intensifica esse processo ao deixar que o seu mundo interaja com o do autor e imprima a construção de novos significados. Silva (1996, p.65) diz que “A interpretação do texto configura-se com um nível mais profundo de desvelamento de significados, no qual o leitor interage ativa e

inteiramente enquanto sujeito de uma história”. Ou seja, ao interpretar o texto é preciso reconhecer a intenção do autor, que pode ou não ser identificada pelo leitor.

Contudo, a leitura é constituída por meio da participação dos indivíduos enquanto seres possuidores de uma história de vida única, que vai ser o diferencial ao encontrar-se com o texto. Ela é constituída pela maneira como o leitor apreende e interpreta a intenção do autor, onde essa interpretação ocorre na interação leitor/autor no processo de construção de sentidos. Desse modo, leitor e leitura se constituem como elementos vitais dentro do processo de interlocução, ampliando indefinidamente as possibilidades de atribuição de sentidos.

Dentro dessa perspectiva, abordaremos a questão estética da leitura, como forma de aprofundarmos a compreensão dos sentidos e significados da leitura.

3.1 Leitura e Recepção

Ler é construir significado, sendo no processo de interação com o leitor que o texto existe ou inexistente. Quando o leitor estabelece esse contato íntimo com um texto, é capaz de relacionar as intenções comunicativas que a ele está submetido; assim, segundo a teoria da recepção, o leitor é identificado como um ser ativo que pode interferir no processo de produção do texto, tornando-se um agente de construção de sentidos.

A estética nos mostra que não existe comunicação desinteressada onde toda comunicação tem uma intenção, seja ela qual for e o alvo de seu interesse finaliza-se no leitor. O escrito, no processo de criação de uma poesia ou livro, não está apenas objetivando uma

realização pessoal, mas principalmente, despertar curiosidade e inquietação no leitor, buscando sua participação/interação dentro da obra e a forma como será recepcionado por ele.

A experiência estética, fruto do relacionamento da obra e o leitor, é o aspecto fundamental de uma teoria fundada na recepção. De acordo com Zilberman (1989, p.55) compõe-se de três etapas, inter-relacionadas:

A “póiesis”, quando o receptor participa da produção do texto; a “aisthesis”, quando este alarga o conhecimento que o destinatário tem do mundo; e a “katharsis”, onde ocorre o processo de identificação que afeta as possibilidades existentes do leitor.

Sendo assim, o leitor é identificado como um ser ativo que pode interferir no processo de produção do texto, passando a ser, assim como a leitura, um agente transgressor de limites e construção de sentidos através das suas relações com o mundo e da recriação dele, Iser (1996, p. 79) afirma que “O leitor produz linguagem e é produzido, tornando-se ‘produto’ de sentidos ideologicamente cristalizados”. Nessa perspectiva, entende-se que o leitor trava contato com o texto, trazendo suas experiências pessoais, as ideologias cristalizadas no seu subconsciente e a leitura de mundo, conduzindo-o ao seu desfrute, pois do contrário, o leitor não interagiria com o texto. “Essa relação permite que o acervo polifônico do leitor seja aumentado e interaja com outros textos, num processo espiral de construção de sentidos” (ISER, 1996, p.82)

O leitor é visto como um elemento principal do processo literário, como se ele fosse um elo de ligação entre o autor, o texto e as interpretações por ele absorvidas. Onde o sentido do texto não tem existência fora da mente do mesmo que é capaz de atribuir-lhe

significação, a qual depende totalmente dos sentidos dados a ela. Fish apud Zilberman (1989, p.27), afirma que “o sentido é um evento, isto é, um processo a ocorrer durante a leitura, subordinado às transformações que passam as operações mentais do leitor. O texto confunde-se à experiência a que proporciona e a que o leitor carrega consigo, perdendo toda a objetividade”.

Desse modo, as obras literárias necessitam do leitor para a construção de seu sentido, pois isolada, ela não possui significado algum, portanto, é um produto que exige vários efeitos comunicativos, levando à obtenção do sentido que é estimulado pela experiência produzida por suas vivências e sensibilidade adquirida através do meio ao qual o leitor se insere, ou seja, a sua cultura irá defrontar-se com a obra, ampliando a diversidade de diálogo que mostrará uma variedade de significados. Como expõe Bahktin (1997, p.163):

O leitor não apenas constrói os sentidos da leitura como também é construído por eles, onde ao percorrer um texto, aciona inúmeros outros textos que compõem o seu acervo e promove uma relação entre eles, construindo sentidos. E esses sentidos podem variar de leitor para leitor porque os acervos constituintes dessa polifonia discursiva são diferentes.

O diálogo produzido vai ser determinado pelo horizonte de expectativas que o leitor tem da obra e que são motivadas de várias formas. Assim, o leitor torna-se capaz de constituir várias leituras em um mesmo texto, pois produz estímulos que impulsionam a sua imaginação e o fazem preencher os espaços vazios e carências que possui. Resenblatt apud Zilberman (1989, p.26), confirma:

A leitura é um processo de transição entre o texto e o leitor. Trata-se de um processo de mão dupla, segundo o qual o texto guia e constringe, mas é também

aberto, exigindo a contribuição do leitor. Este deve recorrer seletivamente à sua experiências e sensibilidade para obter os símbolos verbais a partir dos sinais do texto e dar substância a esses símbolos, organizando-os num sentido que é visto como correspondendo ao texto.

A função comunicacional da leitura depende do processo de identificação vivido pelo receptor, a qual é adquirida pela experiência estética que faz com que o mesmo a adote como modelo. Essas reações são determinadas pelas estruturas de apelo do texto que buscam a identificação do leitor com a obra lida, através do envolvimento intelectual, sensorial e emotivo, onde o receptor passa a vê-las como modelos a serem seguidos como analisa Zilberman (1989, p.50) advertindo que “Como se comunica com o leitor, o texto passa-lhe normas, que enquanto tais, são padrões de atuação”. Desse modo, compreendemos que o leitor das mensagens além de sentir o prazer oferecido pela obra, também é motivado a participar da ação.

Assim, quanto maior for a intimidade do leitor com a linguagem do autor e suas intenções literárias, maior será a sua compreensão do texto. A estética por sua vez tem a capacidade de manter-se em constante diálogo com o público leitor. Onde a leitura aciona os dispositivos necessários para a construção de sentidos, precisando da interação do leitor com o texto.

4 AS ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS PARA A TELEVISÃO

A televisão assume papel fundamental na difusão cultural, pois as linguagens audiovisuais tendo como base a literatura ou não, têm dado uma enorme contribuição ao acervo de conhecimento humano, principalmente através das adaptações de obras literárias que têm como objetivo principal fazer com que todas as imagens ali projetadas facilitem o entendimento do telespectador. Assim, o ato de adaptar é definido como um modo de transformação da linguagem, é uma forma de experimentar uma obra em outra linguagem diferente daquela em que foi concebida originalmente. É a possibilidade de recontar uma história, através da reconstrução de um texto por meio de imagens, sons, etc.

As obras literárias oferecem ao telespectador/leitor a possibilidade de uma observação maior acerca da obra, fazendo que o mesmo faça comparações com o que leu e com o que está assistindo, teça críticas sobre o que a obra adaptada não relatou tal como está no livro e principalmente, a oportunidade de ver os seus personagens imaginários dentro do contexto.

Pode revelar o sentido da obra literária, suas intenções, mas não o recheio nem a beleza ou singularidade do estilo. O que importa é que ela seja uma obra completa, sem necessariamente evitar cortes e saltos por falta de tempo.

A adaptação boa é aquela que concentra, impactua e afunila a carga de atrativos dum livro. O romance pode ser lido por etapas, guardado na estante, retomado, relido parcialmente nos seus momentos mais complexos, discutido com parentes e amigos durante a leitura e, geralmente, tem orelhas esclarecedoras. Se o leitor não entendeu tudo, relê. A segunda leitura é sempre mais proveitosa, e a terceira ainda

mais. A tela, porém, não oferece essas vantagens. Tem de prender o espectador logo de começo e desenvolver em cem minutos uma história que ele leria em dez ou muito mais horas. REY (1989, p.60)

Essa observação nos faz refletir sobre a ação das personagens que ganha outras ordens na medida em que suas reconstruções são possibilidades particulares de leitura. Dessa maneira, os textos verbais não são transformados em narrativas visuais pura e simplesmente, reproduzindo-se as cenas dramáticas e omitindo-se outros elementos da obra. Assim, a adaptação de um romance para a televisão está condicionada à diferença entre os meios e ao modo estético ao qual se adequará, onde serão embutidas novas características e excluirão outras por imposição do meio em que será adaptado.

Desse modo, vemos que a adaptação ganha significação através das inevitáveis e necessárias divergências técnicas quanto ao texto original, o que, evidentemente vale para aqueles que leram o romance, e não para a maioria do público, que apenas viu as imagens. Portanto, o texto montado em sua nova estrutura nada significa se olhado ou comparado ao texto original, mas ao mesmo tempo, mantém uma estreita relação com este, por meio não só das personagens, mas também dos elementos que compõem a sua base, remontada, reordenada e transformada, construindo-se assim, a estrutura de outra obra.

Observamos assim, que a adaptação é um elo entre a literatura e os telespectadores, estimulando-os a voltar ao texto de origem, na tentativa de encontrar as mesmas personagens, o mesmo tratamento e as mesmas facilidades, o que afinal ocorre é que a tecnologia da imagem condiciona de maneira específica à apreensão do texto literário.

Nesse sentido, percebemos que a adaptação é um processo de recriação, de transformação das formas de um gênero para outro que implica a produção de sentido, é um exercício constante de reconstrução de imagens, apenas pressupostas no texto de partida. E o que fascina é a oportunidade que a literatura dá de se criar uma cumplicidade com o leitor, que dependendo da sua visão, pode levá-lo a um maior aprofundamento ou não no entendimento da obra. Assim, no texto literário uma ação é apenas um ponto de partida que se pressupõe em ser fiel ao autor que não poderá nunca fazer do roteiro uma ilustração do livro. Como bem analisa Comparato (1983, p.262):

A adaptação é uma “transcrição de linguagem” equivalente a uma “transposição de substância”, pois a partir do reconhecimento de que uma obra é expressão de uma linguagem, o seu transporte pela mudança de veículo, de seu conteúdo a uma outra forma, configura a adoção de uma linguagem que pressupõe um processo artístico de “recriação”.

Nesse enfoque, esclarecemos que adaptar significa remodelar uma narrativa, o levando em conta o contexto e não procurando somente a interpretação do objeto literário, mas essencialmente a sua reconfiguração estética. É preciso perceber, que todo autor é inclinado a aumentar a complexidade de sua obra e todo leitor quer decodificá-la, porém os textos devem reanimar na memória do leitor-espectador os diversos sistemas codificados já conhecidos, projetar-se neles, receber dessa correlação novas significações e dar novas interpretações, tanto ao novo quanto ao já conhecido.

Recontar uma história já existente significa estabelecer uma relação de passado e presente em que a obra original torna-se material de apropriação que produz um novo valor de uso a mesma. Logo, as análises das adaptações de um romance estão condicionadas às

circunstâncias sócio-históricas da produção e das idéias do romancista, do adaptador e do público. No entanto, a literatura, o cinema e a televisão comunicam-se de maneira diversa por possuírem códigos e maneiras de interpretação específicas e suscitarem no público expectativas diferentes pela forma em que são absorvidas. Jauss (1993, p. 92), explica que:

Toda modalidade cultural desenvolve um horizonte de expectativa para seus receptores, formada a partir de todo um conjunto de padrões que servem como referência para recusa ou absorção de uma nova obra. A absorção se dá a partir da adequação da nova obra com o horizonte de expectativas do receptor. Na recusa, por outro lado, ocorre o oposto, posto que não há adequação entre horizonte e obra.

Assim, as imagens podem ser aceitas ou não pelo público que leu a obra original, pois a maneira de recepcionar os diferentes tipos de linguagens influencia diretamente nas expectativas do receptor nas mensagens. Mas, a tendência de muitas das obras adaptadas é a fragmentação, por a obra original não se adequar ao meio televisivo, o que faz com que ela desapareça ao originar a uma sinopse, no qual o texto literário torna-se restrito e minimizado.

Portanto, percebemos que algumas obras adaptadas, não contém a fidedignidade com a obra original, na maioria das vezes por o meio televisivo não permitir que se faça uma abordagem da obra como um todo. Analisaremos a seguir o contexto das adaptações de forma mais concisa, exemplificando esse processo a partir da obra *Os Maias*.

4.1 Os Maias: Um exemplo de adaptação literária

A minissérie *Os Maias*, foi exibida pela Rede Globo de Televisão em 2001, adaptada do romance de Eça de Queirós e apresentada em 44 capítulos, podendo ser

perfeitamente incluída num rol de produtos teledramatúrgicos de excelência artística realizado pela televisão, tendo como função social despertar o interesse dos telespectadores pela literatura. A emissora tem contribuído bastante para isso, pois ao longo de sua história tem produzido esse tipo de programa em sua maioria baseado em obras da literatura brasileira e mundial.

A minissérie relatou a história da família Maia ao longo de três gerações, centrando-se na última e ressaltando o amor de Carlos da Maia e Maria Eduarda. Mas a história é também um pretexto para o autor fazer uma crítica à situação decadente de Portugal e à alta burguesia de Lisboa, onde se dá a derrota e o desengano de todas as personagens.

A ação da obra *Os Maias* segundo Guimarães (2003, p. 120) “se configura na segunda metade do século XIX e devido à linguagem em que foi escrita e ironia com que as situações são apresentadas, *Os Maias* é considerada a obra prima do autor”. É um romance realista onde não faltam fatalismo, catástrofes e análise social. A ironia atribuída ao romance provém de personagens que concretizam certos tipos sociais, representantes de idéias, mentalidades, costumes, políticas, concepções de mundo, etc. A ação principal da obra *Os Maias* encaixa-se perfeitamente nos moldes da tragédia clássica.

Analisando a adaptação de *Os Maias*, Guimarães (2003, p. 110.) assinala que “O livro contém os elementos centrais que a ficção televisiva almeja, como narrativas intrincadas de acontecimentos e melodrama, além de apresentar episódios históricos relevantes e reconhecíveis pelo público”. Assim percebemos que a adaptação televisiva de obras da literatura visa dinamizar a relação dos campos televisivo e literário, permite-nos reavaliar as fronteiras, distinções e ordens que se estabelecem entre as mais variadas formas artísticas. Isto ocorre na medida em que a adaptação se insere numa zona de conflito, onde Guimarães

(2003) afirma que “As fronteiras entre as formas culturais se esvanecem e mostram-se confusas, alterando as normas comuns de hierarquização cultural”. Ao inserir uma obra da literatura portuguesa, como no caso de *Os Maias* no meio televisivo, já não é mais possível descartar os possíveis pontos de contato entre a literatura e a cultura de massa.

Com relação à adaptação de obras literárias para o meio televisivo, percebe-se que este é um espaço de grande debate e complexidade, pois adaptação envolve diversos elementos como co-autoria, fidedignidade, identificação entre público e produto televisivo, atualização de obras etc. Assim, a obra literária quando passa para o meio televisivo torna-se um novo produto cultural e como todo produto cultural, esta nova obra, ao ser veiculada em um meio de comunicação de massa também apresenta uma infinidade de interpretações, haja vista a natureza variada da recepção, podendo ser, portanto, tão crítica e criativa quanto a obra que lhe originou.

As adaptações estabelecem uma zona de conflito entre formas culturais diversas, voltadas para meios e públicos diferentes, faz com que a obra original sofra alterações ou cortes ao ser traduzida ao meio televisivo que apela sempre para situações e cenas ligas ao clímax, esquecendo-se as vezes de detalhes e personagens que foram fundamentais na obra original. Assim, Bourdieu (1997, p.27) argumenta acerca dos mecanismos de funcionamento do campo televisivo e seus efeitos quando afirma que:

A lógica de produção televisiva, promove, de acordo com o autor, uma grande pressão pelo que é extra-ordinário, uma homogeneização da produção e uma falta de autonomia para seus produtores. Outro efeito ocasionado pelo índice de audiência é a pressão pela urgência, pela rapidez, pela velocidade. Esta pressão pelo

comercial impõe-se também em outros campos por influência da televisão, principalmente no campo artístico pela lista de best-sellers.

Assim, compreendemos que a fragmentação ou minimização da obra original no momento da adaptação ocorre principalmente para que a obra original se adeqüe ao meio televisivo, que valoriza situações de conflito e emoção para prender a atenção do telespectador e também por a televisão precisar desenrolar toda a trama rapidamente para não prejudicar a programação.

Portanto, o melodrama das obras televisivas, principalmente de uma obra como *Os Maias* é organizado a partir de casos de amor e desencontros em muitos episódios, cada um terminando num gancho de suspense, e com a sua estrutura concentrada mais nos dilemas do que nas soluções. Para os produtores da comunicação de massa é isso que interessa, a apreensão da atenção do telespectador por meio de sua expectativa com o desfecho da obra.

Assim podemos perceber, que as causas fundamentais da procura obstinada pelas obras em formato original, ocorre o leitor buscar compreender todo o espaço em que a trama foi desenvolvida, de modo a conhecer melhor a obra.

Desse modo, analisaremos ao final, a visão dos leitores sobre as adaptações literárias no meio televisivo e o processo de leitura das mesmas.

5 O PERFIL DOS LEITORES DE ADAPTAÇÕES LITERÁRIAS E A BIBLIOTECA

A pesquisa utilizada neste trabalho teve como objetivo geral esclarecer a influência que os programas televisivos adaptados de obras literárias exercem sob seus telespectadores e como específicos descobrir as causas da procura por essas obras, os sentidos atribuídos a elas, expectativas e questões ligadas à aquisição do gosto pela leitura.

Baseou-se num estudo exploratório, tendo como meta o esclarecimento de questões e proporcionando uma visão geral acerca do tema, possibilitando que o processo investigativo fosse visto de forma mais ampla, consistindo numa das fases primordiais para a realização do mesmo.

Foi realizada junto à bibliotecária e dirigida a usuários da Biblioteca Rachel de Queiroz do Serviço Social do Comércio (Sesc-Ceará) que lêem obras literárias adaptadas para o meio televisivo. Teve como técnica de coleta de dados, entrevistas e conversas informais.

O Serviço Social do Comércio, Departamento Regional do Ceará, é uma entidade mantida pelos empresários do comércio. Em sua unidade denominada Sesc Fortaleza possui a Biblioteca Rachel de Queiroz que contém amplo espaço físico, moderno mobiliário, acervo totalmente informatizado, inclusive com consulta on-line ao mesmo através de sua página na internet. Funciona de segunda a sexta, das 8h às 21h e aos sábados das 8h às 12h, oferecendo aos seus usuários empréstimo e consulta local de livros, revistas, enciclopédias, CDs, almanaques, jornais etc, orientação a pesquisas bibliográficas, exposição e divulgação de novas aquisições, sala de leitura individual, sala de multimídia com acesso à Internet.

A biblioteca Rachel de Queiroz tem como objetivo principal atender aos comerciários e comunidade em geral, objetivando o incentivo ao gosto pela leitura, mantendo atualizado e rico acervo constituído de obras literárias no geral, livros didáticos e voltados para o ensino superior, auto-ajuda etc.

O Departamento Nacional do SESC junto à sua rede de bibliotecas tem como objetivo principal difundir a literatura no país e fomentar propostas de trabalho para a formação de público leitor. Atinge municípios nos quais é, muitas vezes, o único evento cultural disponível para a população, desenvolvendo atividades voltadas para a leitura por entender que a formação do leitor é um processo dinâmico e contínuo forjado ao longo da formação do ser humano.

5.1 A televisão como veículo comunicativo propagador das adaptações literárias

A televisão, como já observamos no decorrer deste estudo, trabalha visando uma nova socialização do público telespectador, por tentar inserir mais cultura na sua programação. Percebemos que ela procura atingir seu público colocando-o a par de fatos ligados ao cotidiano e ao meio cultural através do incentivo à leitura, por meio de campanhas publicitárias e de programas, principalmente novelas e minisséries que são adaptadas de importantes obras da literatura brasileira e mundial.

Assim, poderemos analisar com mais profundidade essa temática da influência da televisão através da adaptação de obras literárias, a seguir, quando relatarmos os resultados das entrevistas com os usuários da Biblioteca Rachel de Queiroz do Serviço Social do Comércio (Sesc-Ceará). A entrevista dirigiu-se à Bibliotecária da instituição e a 15

usuários selecionados por procurarem a leitura de obras adaptadas, onde todos obtiveram respostas iguais ao serem entrevistados.

5.2 A busca da leitura da obra original após a sua adaptação para a televisão.

A leitura da obra original impressa é sempre muito procurada após a exibição da obra adaptada para a televisão. Segundo a bibliotecária da Biblioteca Rachel de Queiroz as suas leituras pessoais nada tem a ver com a leitura de obras adaptadas, mas considera que essas adaptações são de extrema importância e que a televisão estimula muito esse tipo de leitura ao perceber-se que há uma intensa corrida às bibliotecas e livrarias quando essas adaptações são produzidas, ressaltando que para quem ainda não possui o gosto nem o prazer em ler, elas são fundamentais.

Em relação aos usuários, primeiro foi perguntado sobre o por que da procura da obra original após a transmissão da obra adaptada para o meio televisivo. As respostas obtidas foram as mesmas, afirmaram que buscavam a obra original para aprofundar o contexto da história, de forma a avaliar e comparar a obra adaptada com a original. Expuseram que a dinâmica da televisão é diferente da proporcionada pela leitura, pois a primeira é baseada no “clímax” enquanto que a leitura é mais dinâmica. Também por a Tv ser muito mais voltada para o lado comercial e tudo acontecer de forma muito rápida e alguns detalhes da obra original serem omitidos, diferentemente da leitura que permite maior liberdade por parte do leitor, para que ele faça sua própria interpretação a respeito do que foi lido, proporcionando-lhe uma visão geral acerca da obra. Também por a leitura não exigir programação nenhuma, proporcionando ao leitor a liberdade de fazê-la no momento em que bem entender. Para complementar essas afirmações, Harris apud Bamberger (1987, p.30), afirma:

Comparada à televisão, a leitura tem vantagens únicas. Em vez de precisar escolher dentre uma variedade limitada, posta à sua disposição por cortesia do patrocinador comercial, ou entre os filmes disponíveis no momento, o leitor pode escolher dentre os melhores escritores do presente e do passado. Lê onde e quando mais lhe convém, no ritmo que mais lhe agrada, podendo retardar ou apressar a leitura, interrompê-la, reler ou parar para refletir, a seu bel prazer. Lê o que, quando, onde e como bem entende. Essa flexibilidade garante o interesse contínuo pela leitura, tanto em relação à educação quanto ao entretenimento.

É possível perceber que à leitura é dada uma importância muito maior, por proporcionar mais prazer ao fazer com que o leitor use a sua imaginação e seja capaz de criar suas próprias imagens a respeito do que está sendo lido, exercitando e prolongando o prazer e satisfação transmitida. Por outro lado, a televisão proporciona a visão de cenas prontas construídas a partir da visão de uma outra pessoa que já leu e a adaptou da maneira que achava conveniente, restringindo a capacidade criativa e apenas dando uma gratificação imediata através do vídeo.

Essa questão ainda foi complementada no momento em que disseram que o que chama atenção nessas obras é o senso de curiosidade, por dar a oportunidade de comparar as diferentes linguagens e leituras e enfatizar pontos da obra original que são deixados para trás no momento da adaptação. É a oportunidade de contemplar todos os detalhes desprezados e de atribuir um outro sentido à obra.

Desse modo, podemos compreender nesse primeiro questionamento, que a procura a obra impressa após a transmissão da sua adaptação para a televisão ocorre por ela suscitar no telespectador a curiosidade de conhecer a obra na íntegra e assim aprofundar a sua

visão sobre o todo. Assim, percebemos a importância dessas adaptações, por elas incentivarem o gosto pela leitura através da produção desse tipo de programa.

5.3 O telespectador-leitor e suas expectativas em relação à obra original.

Toda obra quando é recepcionada pelo leitor, proporciona uma série de expectativas por ativarem processos sensoriais, emocionais e psicológicos. Esses processos interagem com a carga de conhecimentos adquiridos a partir de suas vivências e evidenciam-se no momento da leitura.

A respeito das expectativas que os usuários têm ao lerem as obras, afirmaram que eram as melhores possíveis, por ser a obra original muito mais rica e repleta de detalhes, e proporcionar uma visão completa da trama esclarecendo dúvidas e possíveis passagens que a “leitura” do adaptador não conseguiu detectar nas entrelinhas da obra. Na realidade a leitura proporciona uma intimidade maior entre o leitor e o autor, fazendo com que o mesmo seja capaz de fazer as suas próprias interpretações.

Podemos analisar portanto, que esse contato do leitor com a obra original proporciona um prazer muito maior, por o mesmo ser norteado por uma série de sensações diferentes das proporcionadas pelo meio televisivo, onde o leitor faz a sua análise e pode construir no seu imaginário a sua própria história que pode ou não confundir-se com a do adaptador. O texto literário propõe ao leitor uma outra esfera imaginativa, pois cria uma nova relação entre situações reais e do pensamento ampliando a capacidade de significação e atribuição de sentido ao texto. Assim, Martins (1994, p. 33) complementa dizendo:

A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido e esse diálogo é desenvolvido de acordo com os desafios e respostas que esse objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento das vivências do leitor.

Percebemos a partir das entrevistas, que ler significa uma forma de conquistar autonomia por parte do leitor, pois ele adquire a liberdade de construir sua história a partir do que acredita.

5.4 A leitura de obras adaptadas e o incentivo a outras leituras

A leitura de obras adaptadas incentiva a leitura de outras obras por proporcionar satisfação prolongada ao responder às curiosidades do leitor e o levar a mundos antes não conhecidos. Na visão dos entrevistados as obras adaptadas para o meio televisivo, incentivam por que despertam a curiosidade e por tornam o espectador/leitor mais crítico e atuante. Isso acontece no momento em que desenvolve a capacidade de criar seus próprios ambientes e imagens, e por essas obras discutirem fatos ligados à cultura, política, sociedade e em sua maioria aos fatos históricos, remetendo o telespectador ao conhecimento de assuntos e temáticas nas quais foram desenvolvidas. A televisão oferece uma visão muito restrita a esses fatos, e muitas vezes não mostra os fatos de maneira imparcial, pois defende ao que o adaptador julgou ser necessário, restringindo o campo de conhecimentos do telespectador.

Desse modo, Marcondes Filho (1988, p.43), confirma que “Diferente do livro, cujas imagens estão só na cabeça do leitor, os programas adaptados mostram a fantasia pronta” por oferecer ao telespectador tudo já construído, o instigando a buscar a

complementação do que está sendo mostrado e proporcionar uma interação com a obra e com as demais temáticas abordadas nela, seja fatos ligados à realidade ou não.

5.5 As vantagens da leitura do livro frente à obra adaptada

A leitura proporciona uma gama de vantagens frente à adaptação literária, por se mais completa e não fragmentada. Assim a respeito da comparação e do aproveitamento dado à obra adaptada e à obra original impressa, ficam explicitados os méritos da televisão. Entretanto ela torna os telespectadores sujeitos acomodados por restringir a capacidade de construção da obra, diferente do livro que é mais completo e aumenta a capacidade imaginativa do leitor, quando lhe oferece a oportunidade de imaginar o rosto dos personagens, os ambientes e situações em que a obra se desenrola. Não o torna o leitor escravizado de partes fragmentadas do texto original, nem dos ambientes e situações que o adaptador imaginou. Assim, Martins (1994, p. 65) afirma:

A construção da capacidade de produzir e compreender mais as diversas linguagens, está diretamente ligada às condições propícias para ler, para dar sentido a expressões formais e simbólicas, representacionais ou não, que sejam configuradas pela palavra, quer pelo gesto, pelo som ou pela imagem.

Nessa perspectiva, a leitura preenche uma lacuna, quando vem ao encontro da necessidade do telespectador de aprofundar-se e sentir-se interativo com a obra. Torna-se necessariamente um desejo de atender a expressões sensoriais, emocionais e racionais que são suscitadas pela televisão e realizadas quando ele encontra-se com a leitura. Portanto a leitura é

um processo muito mais valorizado do que a grande facilidade que o meio televisivo oferece. Nesse contexto, o livro torna-se indispensável para o conhecimento do mundo e da cultura.

5.6 A identificação do leitor e o sentido dado ao texto.

No decorrer deste estudo, observamos que a obra literária é norteada por uma série de processos como a identificação do leitor e a atribuição de sentidos. Sobre essa questão, os entrevistados afirmaram que identificam-se com as obras lidas, pois elas os colocam em contato com ambientes, situações, muitas vezes cotidianas e lhes causam surpresas e até mesmo revelações ao mostrarem fatos ocorridos na sua vida ou por transmitirem sonhos e vontades, que realizam-se quando percebem que seu personagem preferido conseguiu alcançar um objetivo que ele mesmo gostaria de tê-lo feito. Desse modo, a leitura vem ao encontro de desejos do leitor e o estimula no momento em que o torna capaz de vivenciar através da obra, emoções e realizações pretendidas por ele próprio.

Afirmaram que o sentido dado pelo adaptador à obra é superado, por evidenciar a capacidade do leitor de construir a sua história e atribuir a ela suas significações, permitindo a construção de um espaço muito mais amplo na atribuição de sentidos ao texto e dele também absorvidos, onde aí entram em contato aspetos referentes a história e vida e aos aspectos sócio-culturais de cada um. Corroborando, Teixeira (1995, p.41) afirma: “A distinção entre o vivido e o imaginado define o leitor como sujeito produtor de palavras, sentidos e significados”. Assim, a construção de sentidos ocorre por a leitura desempenhar um papel ativo que possibilita a construção de novos significados que são adquiridos pela experiência prévia de vida e os conhecimentos existentes no leitor.

A partir das informações obtidas com os usuários, percebemos o quanto a televisão tem estimulado a leitura quando inclui na sua programação importantes obras da literatura, possibilitando ao leitor o conhecimento da cultura e da sociedade. Também por a leitura proporcionar a capacidade de criação, percepção e a atribuição de significação à obra lida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A televisão é um importante meio de comunicação de massa, mesmo hoje como toda a revolução eletrônica e digital ela não perdeu seu espaço. O presente estudo científico contextualizou a questão da aquisição do gosto pela leitura através da influência da televisão no processo de adaptação de obras literárias para a linguagem audiovisual.

Observamos que a televisão assim como a leitura é uma importante fonte de socialização e cultura por oferecer ao telespectador a oportunidade de inserir-se no mundo de conhecimentos por meio das imagens que transmite. Mas mesmo assim, ainda oferece uma satisfação momentânea por tudo na sua programação acontecer de forma muito rápida, não aprofundando fatos relevantes e de interesse do telespectador.

A influência da televisão no gosto pela leitura não é um fator isolado, ele está inserido num processo de expectativas, interação, interpretações e na busca pela significação do objeto lido. Observamos que a obra literária só tem sentido no momento em que o leitor com a sua história de vida e seus conhecimentos de mundo interage com o texto e também quando a obra atribui significação à vida do leitor, ou seja, a leitura é evidenciada como um processo de trocas, onde o leitor atribui significação a partir de seus vivências em consonância com a obra.

Assim, por meio da pesquisa ora realizada percebemos que a procura por obras literárias adaptadas para o meio televisivo ocorre por que a adaptação não contém detalhes que são importantes para o leitor e por acreditarem que a adaptação é fragmentada e não os coloca em contato com as reais intenções do autor. Assim, o que chama atenção na linguagem verbal é a possibilidade de compreensão da obra na íntegra e a certeza que os leitores

adquirem ao conhecerem o desfecho da trama da forma em que o autor original pretendeu, sem cortes.

Percebemos que esse processo suscita no leitor uma série de expectativas, que o fazem sentir-se mais atuante e capacitado a fazer suas próprias interpretações, montando seus ambientes e imaginando seus personagens da forma que convém. Nesse sentido, fica claro que a leitura torna o leitor mais participativo que o telespectador, pois a televisão não estimula o uso da capacidade criativa e imaginativa oferecendo apenas acontecimentos prontos.

Observou-se que as adaptações suscitam à leitura não só de obras que condizem com esse tipo de programa, mas estimulam a outras leituras sejam de obras dos mesmos autores ou não. Estimulam a visita às bibliotecas e livrarias e põe o leitor em contato com uma infinidade de outras obras. É nesse momento em que percebemos que a biblioteca em especial torna-se fundamental quando enfatiza a sua participação na difusão cultural a partir da leitura. Por isso, é importante a valorização da linguagem verbal e das bibliotecas como importantes fontes de aquisição de conhecimentos.

Concluimos que os telespectadores consideram a obra original mais proveitosa que a adaptada por ela despertar a imaginação e deixá-los mais livres, não restringindo a capacidade criativa e nem os deixando dependentes das imagens. Percebemos ainda que o meio literário permite uma maior identificação do leitor com a obra lida por atingir seu fator emocional e realizarem-se nos seus personagens.

De modo conclusivo, compreendemos que a televisão tem o poder de influenciar seus espectadores para a aquisição do gosto pela leitura ao produzir programas inspirados em obras da literatura, pois os instiga a conhecer a obra sob outro aspecto e analisar fatos que geralmente se perdem no momento da adaptação. É nesse instante que ela proporciona ao telespectador/leitor a oportunidade de interessar-se não só pelos romances, mas por todo o contexto histórico-social em que muitas dessas obras se incluem.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHKITIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 2.ed. São Paulo: Paz e terra, 1999, v.1.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

COMPARATO, Doc. **Roteiro, arte e técnica de escrever para cinema e televisão**. 7. ed. Rio de Janeiro: Notícias, 1983.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.9, n.3, p. 439-448, set./dez. 2004.

FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

GUIMARÃES, Hélio. O romance do século XIX na televisão – Observações sobre a adaptação de “Os Maias”. In: PELLEGRINI, Tânia et al. **Literatura, cinema e televisão**. São Paulo: Senac; Instituto Itaú Cultural, 2003, p. 91-141.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996, v.1.

JAUSS, Hans Robert. **A leitura como provocação**. Lisboa: Passagens, 1993.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro, **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Ática, 1988.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

QUEIRÓS, Eça. Os Maias. São Paulo: Ática, 1998.

REY, Marcos. **O roteirista profissional**: televisão e cinema. São Paulo: Ática, 1989.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto. Disponível em: www.crmariocovas.sp.gov.br. Acesso em 11 de maio de 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 2.ed. Campinas: Papyrus, 1986.

_____. **Leitura e realidade brasileira**. 4.ed. Porto Alegre: Mercado aberto, 1988.

_____. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**.
São Paulo: Cortez, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática,
1989.